

O silêncio está no ar nos 100.9

Quem sintonizou ontem a Cultura FM não pôde ouvir a programação musical de boa qualidade da rádio. Aliás, não ouviu nada

Alexandre Marino

O que a Rádio Cultura FM, 100.9 no seu *dial*, pôs no ar durante todo o dia de ontem, desde as 16h da última quinta-feira, foi apenas o silêncio. Até aquele momento, o diretor da emissora, Pedro Pereira, mais conhecido como Rola Pedra, também disc-jóquei, literalmente brigava com o obsoleto equipamento, até que entregou os pontos e decidiu que os transmissores seriam desligados. O silêncio pode ter surpreendido os ouvintes, mas já era esperado pelos funcionários do Governo do Distrito Federal que há dois anos lutam para manter a rádio no ar.

José Aparecido de Oliveira era o governador de Brasília quando, em 1987, o Ministério das Comunicações tinha um canal para mais uma emissora FM em Brasília. A Universidade de Brasília tentava há anos obter uma concessão, para que os estudantes do curso de Comunicação tivessem uma rádio laboratório, e até mesmo já tinha apresentado ao Ministério um longo projeto, feito por professores e alunos, para a sua instalação. Mas quem levou a concessão foi o GDF, que não tinha nem projeto nem estrutura, já que por lei não poderia fazer contratações. A solução foi requisitar pessoal de outros órgãos.

"A Rádio Cultura foi implantada muito rapidamente, de forma provisória, e essa improvisação permanece até hoje por falta de verba", lamenta o diretor Pedro Rola Pedra. Ele mesmo está habituado a levar para o trabalho os discos de sua discoteca particular, já que a discoteca da emissora é muito pequena. Outros funcionários fazem o mesmo, mas é inútil, porque os discos devem ser gravados em cartuchos para o uso do operador, o que é impossível porque as cartucheiras estão quebradas. Uma das cartucheiras está com ruidos, outra com problemas de rotação, outra simplesmente não funciona.

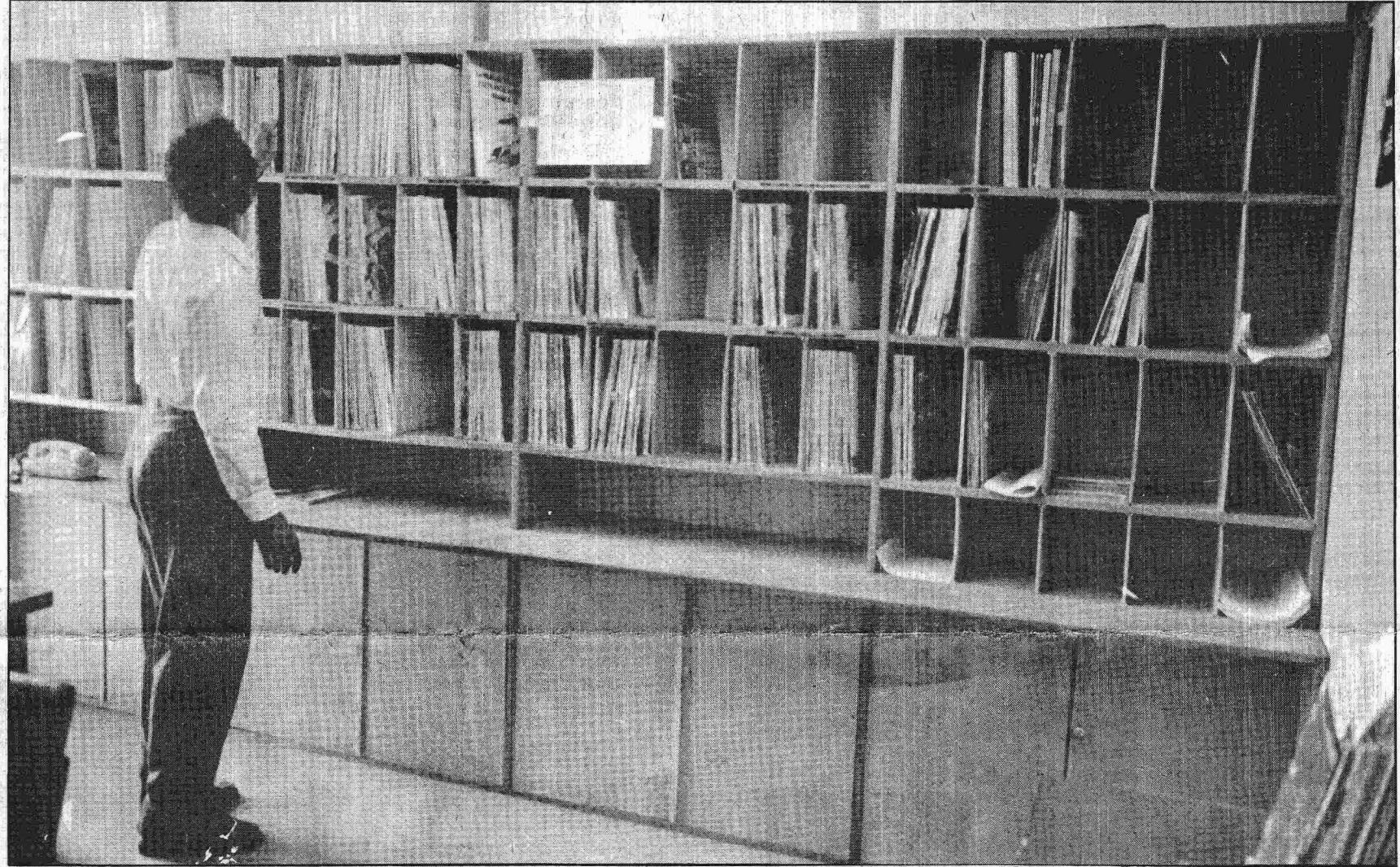
Caos — Pedro Rola Pedra não sabe informar qual a verba mensal necessária para o funcionamento da emissora sem problemas de manutenção, até mesmo em virtude da situação caótica da economia brasileira. Mas ele lembra que o problema começa na origem dos equipamentos. "Enquanto as emissoras privadas trabalham com equipamento importado, o nosso é nacional, que tem desgaste grande e não aguenta muitos meses", diz ele.

"O equipamento já vem de fábrica com defeito, e quando devolvemos ele volta ainda pior", explica o gerente operacional Almir da Silva Pinto. "As cartucheiras que temos são da Cartape, uma das muitas fábricas de fundo de quintal do Rio de Janeiro, e não podem ser consertadas porque o problema não é de peças, e sim de projeto".

O caso do processador de áudio Audioline é exemplar: adquirido à fábrica, nunca funcionou direito. Um técnico da emissora descobriu que o aparelho estava cheio de "gatos", ligações mal-feitas ou improvisadas, e entrou em contato com a fábrica. Lá, recebeu a informação de que o problema fora causado por um engenheiro que brigou com a direção e para vingar-se sabotou o equipamento que seria vendido.

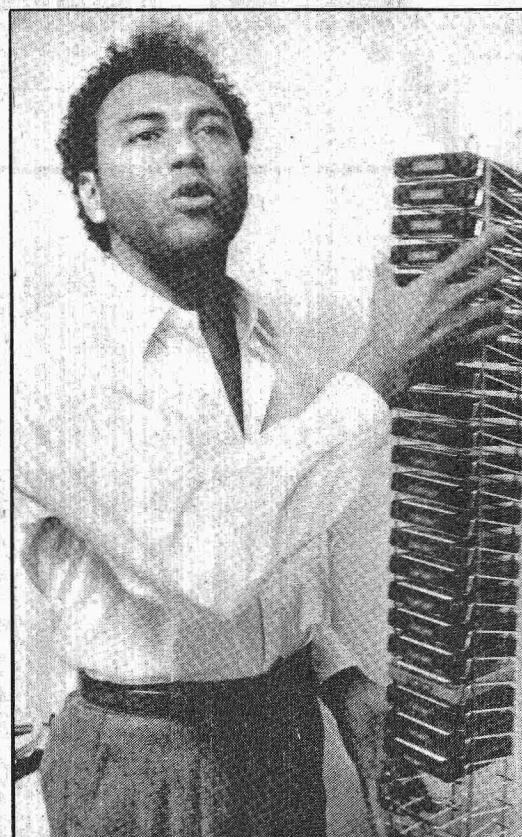
Além da falta de discos, da falta de cartuchos, dos defeitos nos equipamentos de transmissão, Rola Pedra reclama dos gravadores que já deixaram de funcionar, e dos toca-discos,

FOTOS: SERGIO SERFFERT



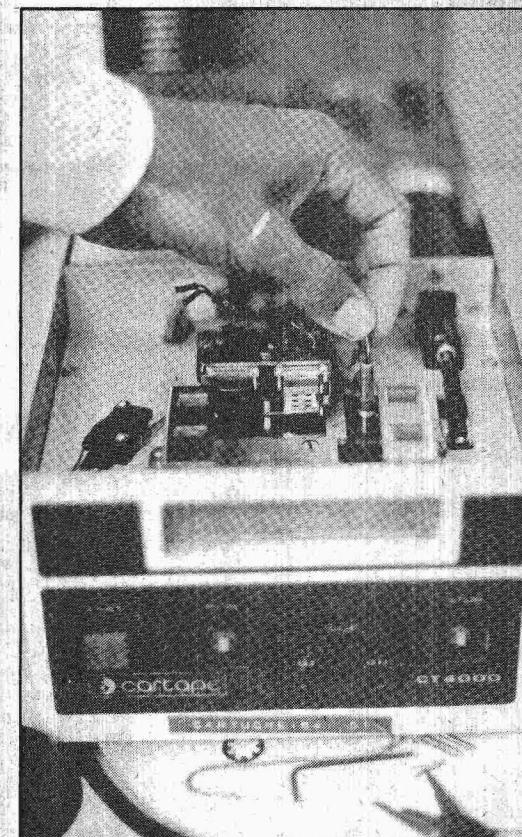
POBREZA FRANCISCANA

Em dois anos de funcionamento tudo que a rádio conseguiu juntar foi algumas dezenas de discos



PRECARIEDADE TÉCNICA

Falta estante para a cartucheira que só funciona com a ajuda de cliques



que também apresentam problemas de rotação. "É um caos, porque o locutor anuncia uma música, a música não toca. O operador passa o cartucho para a outra cartucheira, a música entra em rotação errada. Precisamos até de estantes para os cartuchos, como qualquer rádio moderna, mas também não temos condições de comprar".

Sem pilhas — Não é só o diretor que lamenta. Os jornalistas que trabalham na redação da Cultura, e fazem noticiários voltados basicamente para a cidade, reclamam da falta de pilhas para o único gravador que funciona, da inexistência de assistência técnica para as máquinas de escrever, e costumam travar uma árdua batalha no oitavo andar do anexo do Palácio do Buriti, quatro andares acima da sede

da Rádio, para conseguir algumas folhas de papel.

Assim, quando o equipamento foi desligado, depois de funcionar precariamente durante muitos meses, não pegou ninguém de surpresa. O telefone, que está funcionando, toca sem parar, e do outro lado da linha os ouvintes da rádio pedem explicações. "Estamos fora do ar por problemas técnicos, mas logo tudo será normalizado", é a resposta. Mas para os funcionários, os problemas tendem a continuar.

"O Governo do DF não entende que a rádio não é apenas da Secretaria de Cultura, mas de todo o GDF", diz uma repórter da equipe. "Nós divulgamos tudo que o governo faz, e as outras secretarias também utilizam a rádio".

E, para piorar, quando voltar a transmitir a Cultura continuará a enfrentar um problema com que até se acostumou a conviver. É uma interferência dos sinais da Central de Bip Intelco, cuja antena está inexplicavelmente instalada no alto do prédio do Anexo do Buriti, ao lado da antena da Rádio.

"Essa antena precisava ser instalada no ponto mais alto da cidade, e por isso ela está lá desde 1969", explica Antônio Alves de Souza, gerente da empresa, que nada tem a ver com o Governo do DF. O escritório está instalado no Edifício Intel/Unitel, no Setor Comercial Sul. De lá, Souza anuncia: "Brevemente, será instalado um equipamento que vai acabar com esse problema".

Boas notícias — Mas se nem gravadores ou toca-discos a Cultura tem conseguido manter, como vai instalar um outro equipamento como este? A falta de verbas é problema congênito da emissora, mas a secretária de Cultura, Laís Aderne, garante que vai acabar. "Os recursos para o funcionamento da rádio já estão orçados, e os problemas vão ser resolvidos ainda este ano", diz ela.

A Rádio Cultura é subordinada, num primeiro momento, à Fundação Cultural do Distrito Federal, e consequentemente à Secretaria de Cultura. Segundo Pedro Rola Pedra, as constantes rixas entre os dois órgãos não atrapalham a Rádio, o que atrapalha é falta de verba mesmo.

"A Rádio não tinha orçamento para manutenção, mas agora passará a ter", promete Laís Aderne, que tem na Cultura FM um de seus grandes xodós. Segundo ela, o problema da Rádio não é tão grande. "É só equipamento quebrado", afirma. "A peça já está sendo providenciada no Rio, e logo tudo estará em ordem". Prestes a deixar a Secretaria, na mudança de governo, Laís aproveita para convocar a imprensa a não publicar apenas más notícias: "Nós também temos boas notícias para informar à população", diz. É uma pena que a Rádio Cultura FM não possa divulgá-las.